



# Dei Verbum

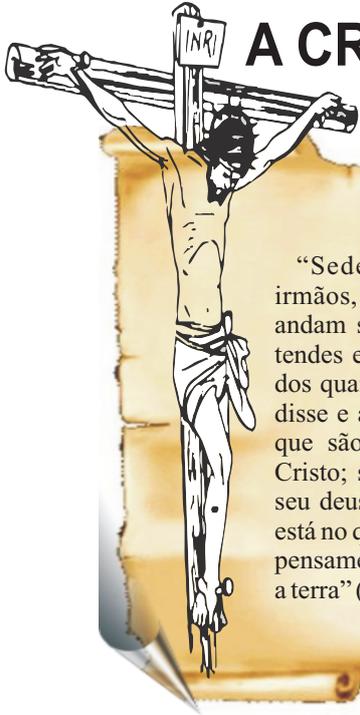
Realização: Associação Filhos de Jesus e Maria, Comunidade de Aliança e Vida



Distribuição Gratuita

Edição: Fevereiro / Março 2010

## A CRUZ DE CRISTO, SALVAÇÃO DA HUMANIDADE



Escreve São Paulo Apóstolo:

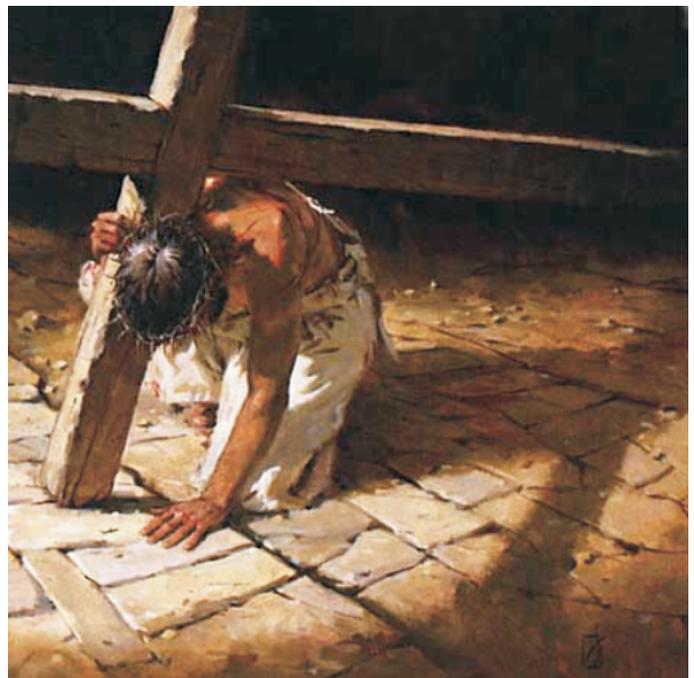
“Sede meus imitadores, irmãos, e observai os que andam segundo o modelo que tendes em nós. Pois há muitos dos quais muitas vezes, eu vos disse e agora repito, chorando, que são inimigos da cruz de Cristo; seu fim é a destruição, seu deus é o ventre, sua glória está no que é vergonhoso, e seus pensamentos no que está sobre a terra” (Fl 3,17-19).

Amemos a cruz, pois nela está a nossa salvação. A Cruz é o sinal que identifica os cristãos. Este sinal de identidade surgiu do fato histórico e místico da Morte de Jesus Cristo, pregado numa Cruz. O Plano divino de Deus Pai para a salvação da humanidade devia passar pela Encarnação, Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. A Paixão e Morte de Jesus, na Cruz, foi o preço exigido por Deus Pai para a salvação da humanidade.

A entrega livre e voluntária que Jesus fez de si mesmo à Vontade salvífica do Pai, abraçando e carregando a Cruz, deixando-se crucificar, sofrendo todos os horrores de uma crucificação e morrendo na Cruz, resultou na salvação da humanidade, bem como em todas as graças e bênçãos já alcançadas, e em todas as que ainda irão acontecer na humanidade. A Paixão, a Morte e a Ressurreição de Jesus são a fonte de todas as graças e bênçãos que já aconteceram desde a criação do mundo, e que continuarão a acontecer até o fim dos tempos.

Com a crucificação e Morte de Jesus, a Cruz recebeu um "novo" significado. Um significado, aliás, exatamente oposto. Antes da Morte de Jesus, a Cruz era símbolo de condenação, de sofrimento e de morte. Agora, após a crucificação e Morte de Jesus, a Cruz é símbolo de salvação, de vida, de bênção, de libertação, de cura e de santificação. Antes era maldição. Agora é salvação!

### O PODER DA CRUZ



O mistério da Cruz, que não é outro senão o mistério Pascal da salvação do mundo em Cristo morto e ressuscitado, domina toda a vida de Jesus. Para os discípulos de todos os tempos, a cruz será sempre uma realidade misteriosa, difícil de ser entendida. No entanto, é nela que se revela todo o mistério de Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador. Somos convidados a nos fixar nos valores fundamentais, e não nos superficiais e efêmeros. Se procuramos observar o mandamento do amor de Deus e do próximo, e progredir nesse amor, jamais seremos desiludidos. A radicalidade da nossa “adesão” a Cristo consiste em segui-lo. Ele, “pela sua obediência até à morte de cruz, redimiu e santificou os homens”: Ele renuncia aos bens materiais e renuncia a fazer a própria vontade. Mas Jesus não nos quer pobres para ser pobres, mortificados para sofrermos. Não seria uma boa proposta! O homem que compra o campo com o tesouro escondido faz um bom negócio, tal como o mercador que compra a “pérola de grande valor”, renunciam efetivamente a todos os seus bens. Mas sentem “grande alegria”, porque obtêm algo de mais precioso. Evangelho é uma alegre notícia, não um anúncio fúnebre; é vida e não morte. Jesus nos propõe a renúncia a bens inferiores, transitórios, efêmeros, para nos dar bens superiores, estáveis, eternos; propõe-nos que demos lugar ao que vale mais, ao melhor, ao Tudo, ao Amor: “Quem perder a sua vida por causa de Mim e do Evangelho, salvá-la-á”.

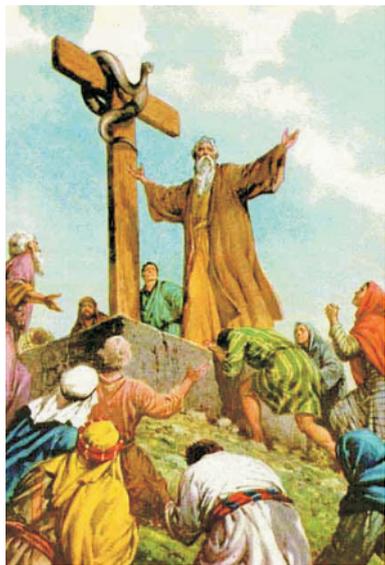
Prestemos atenção: Jesus não se iludia nem iludia ninguém. Se muitos acreditavam nele e o admiravam, muitos também não o aceitavam. E mesmo os que nele acreditavam nem sempre eram levados por uma fê madura e sólida. Tinha paciência com esses, e para salvar os outros estava pronto a aceitar tudo, até a própria morte, mas nunca iria desdizer o que tinha ensinado sobre o Pai e sobre o jeito novo de viver no amor e na paz.

É preciso compreender de imediato que o poder salvífico da Cruz não está simplesmente no fato de ela ser uma Cruz. Sua força de vida e salvação, de bênção e santidade, não está nas duas traves encaixadas em forma de Cruz. O que lhe dá o novo significado é o fato de Jesus, Filho de Deus, tê-la abraçado livremente, carregado com paciência e de ter sacrificado Sua Vida, entregando-Se à morte de Cruz. Quem dá o novo sentido à Cruz é Jesus crucificado e ressuscitado. Desvinculada da Pessoa de Jesus, a Cruz não tem o menor significado, e nenhum poder.

Se, antes da crucificação de Jesus, a Cruz era sinal de condenação, de sofrimento e de morte, agora, exatamente por causa da Morte de Jesus em seus

“A palavra da cruz é loucura para os que perecem;  
mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus” (1 Coríntios 1,18).

braços, ela se tornou sinal e instrumento de salvação, de vida, de santificação e de glória. Antes, condenação. Agora, salvação. Antes, morte. Agora, vida. Antes, vergonha. Agora, glória, exaltação, honra e poder. Tudo pelo amor e pelos méritos de Jesus Cristo, filho de Deus, Salvador e Senhor nosso.



“E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3,14-15).

A cruz de Jesus está colocada entre o homem pecador e o Deus santo. Na cruz nos encontramos: eu por causa dos meus pecados, e Deus, justo e santo, que deveria

castigar-me. Porém Jesus se voltou para mim e expiou minhas faltas. Depois Ele se voltou para Deus e sofreu em meu lugar o castigo que meus pecados mereciam. Ele foi condenado como meu Substituto e por Sua morte sou salvo. A cruz me reconcilia com Deus.

A cruz também está colocada entre o cristão e o mundo. O cristão toma seu lugar ao lado do Crucificado no Gólgota, aceita o desprezo e o ódio do mundo porque compreende que o melhor lugar para estar é ao lado dEle. Os que a si mesmo se consideram “mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus” (Romanos 6,11) já não vêem qualquer atrativo no mundo e naquilo que no mundo existe, porque sabem que “a amizade do mundo é inimizada contra Deus” (Tiago 4,4).

Se você mesmo sendo cristão espera aprovação do mundo, saiba que não pode andar segundo a vontade do Pai. A cruz tem um duplo efeito: ela nos reconcilia com Deus e nos separa definitivamente de um mundo cujo príncipe é satanás. “A palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus” (1 Coríntios 1,18).

A cruz é o único lugar onde a santidade, a justiça e o amor de Deus foram satisfeitos para que o homem fosse salvo. A cruz é o lugar e o momento em que o problema do bem e do mal foi resolvido; ela é o centro de toda a história do mundo. É um teste para cada indivíduo. Ali o homem está representando nas diversas camadas sociais: judeu e pagão, bárbaro e civilizado, clérigos e laicos, privilegiados e excluídos; e todos desempenhando com prazer um papel indigno. Pilatos, o romano, ocupava a sede da autoridade civil. Ali onde deveria se encontrar a justiça, vemos o abuso de poder. Ele condenou alguém que reconheceu como “justo” e sobre quem declarou: “Não acho nele crime algum” (João 10,4). “O centurião, vendo o que acontecera, glorifica a Deus dizendo: Realmente, este homem era um justo” (Lucas 23,47). O nosso mais importante e decisivo lugar, sempre será ao pé da cruz do Redentor. Pela graça de Jesus Salvador é desse lugar que vamos ter um lugar eterno junto ao trono da glória de Deus. “Esteja á árvore da cruz plantada no vosso coração e na vossa alma. Escondei-vos nas chagas de Jesus crucificado. Banhai-vos no sangue de Jesus crucificado”, disse a grande mística e Doutora da Igreja Santa Catarina de Sena (1347-1380). Contemplar o Calvário é o mesmo que contemplar a nossa iniquidade e santidade.

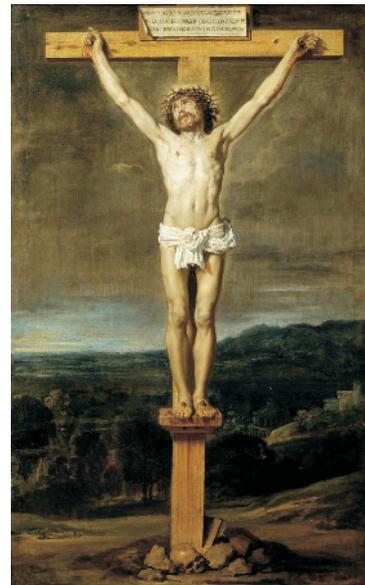
A muitos parece dura esta palavra do Salvador: “Renuncia a ti mesmo, toma a tua cruz cada dia e segue-me” (Lc 9,23).

Por que temes a tomar a cruz, pela qual se vai ao céu? Este Senhor foi adiante, levando as costas a sua cruz. Nela morreu por ti. Para que tu também leves a tua e nela desejes morrer. Porque, “se com ele morreres, com ele viverás” (Rm 6,8). Se fores sua companhia nos cansaços e sofrimentos, no trabalho e no esforço, também terás sua companhia na glória.

Convinha que Cristo sofresse, que ressuscitasse dos mortos e assim entrasse em sua glória. Como procuras outro caminho que não seja a estrada real da santa cruz? Toda vida de Cristo foi cruz e martírio e tu queres que a tua seja só descanso e alegria? (Imitação de Cristo, Livro 2, Capítulo 12).

Se a l g u é m padecesse por seu amigo injúrias e ferimentos e soubesse que o amigo, quando se falava sobre tal acontecimento nem sequer nisso queria pensar e até costumava dizer: falemos de outra coisa – que dor não sentiria vendo o desconhecimento de um tal ingrato? Ao contrário, quanto se consolaria se soubesse que o amigo reconhece dever-lhe uma eterna obrigação e que disso sempre se recorda e se lhe refere sempre com ternura e lágrimas? Por isso é que todos os santos, sabendo a satisfação que causa a Jesus Cristo quem se recorda continuamente de sua paixão, estão quase sempre ocupados em meditar as dores e os desprezos que sofreu o amantíssimo Redentor em toda a sua vida e particularmente na sua morte. Santo Agostinho escreve que as almas não podem se ocupar com coisa mais salutar que meditar cotidianamente na paixão do Senhor. Deus revelou a um santo anacoreta que não há exercício mais próprio para inflamar os corações com o amor divino do que o meditar na morte de Jesus Cristo. E a Santa Gertrudes foi revelado, segundo Blósio, que todo aquele que contempla com devoção o crucifixo é tantas vezes olhado amorosamente por Jesus quantas ele o contempla. Ajunta Blósio que o meditar ou ler qualquer coisa sobre a paixão traz-nos maior bem que qualquer outro exercício de piedade. Por isso escreve São Boaventura: “A paixão amável que diviniza quem a medita” (Stim. div. amor, p. 1. c. 1). E falando das chagas do crucifixo, diz que são chagas que ferem os mais duros corações e inflamam no amor divino as almas mais geladas.

Desce, pois, o amoroso Redentor a esta terra e fazendo-se homem quer curar os danos que o pecado causara ao homem. Portanto, quer não só com seus ensinamentos, mas também com os exemplos de sua santa vida, induzir os homens a observar os preceitos divinos e por essa maneira conseguir a vida eterna. Para esse fim Jesus Cristo renunciou a todas as honras, às delícias e riquezas de que podia gozar neste mundo e que lhe eram devidas como ao Senhor do mundo, e escolhe uma vida humilde, pobre e atribulada até morrer de dor sobre uma cruz. Foi um grande erro dos judeus pensar que o Messias devia vir à terra para triunfar de todos os seus inimigos com o poder das armas e, depois de os ter debelado e adquirido o domínio do mundo inteiro, deveria tornar opulentos e gloriosos os seus sequazes. Mas se o Messias fosse qual os judeus o desejavam, príncipe soberano e honrado de todos os homens como senhor de todo o mundo, não seria o Redentor prometido por Deus e predito pelos profetas. É o que ele mesmo declara quando responde a Pilatos: “O meu reino não é deste mundo” (Jo 18, 36). Por esse motivo repreende São Fulgêncio a Herodes por ter tão grande temor de ser privado do seu reino pelo



Salvador, quando ele não viera para vencer o rei pela guerra, mas a conquistá-lo com sua morte (Serm. 5 de Epiph.).

Quando os profetas falavam dos bens espirituais e eternos, os judeus o interpretavam dos bens terrenos e temporais. “E a fé reinará nos teus tempos; a sabedoria e a ciência serão as riquezas da salvação; o temor do Senhor esse é o teu tesouro” (Is 33, 6). Eis os bens prometidos pelo Redentor, a fé, a ciência das virtudes, o santo temor, eis as riquezas da prometida salvação. Além disso, promete que dará remédio aos penitentes, perdão aos pecadores e liberdade aos cativos dos demônios: “Enviou-me para evangelizar os mansos, para curar os contritos de coração e pregar remissão aos cativos e soltura aos encarcerados” (Is 61, 1).

Deus não podia ver plenamente satisfeita a sua justiça com os sacrifícios oferecidos pelos homens, mesmo sacrificando-lhe suas vidas e, por isso, dispôs que seu próprio Filho tomasse um corpo humano e fosse a digna vítima que o reconciliasse com os homens e lhes obtivesse a salvação. “Não quiseste hóstia nem oblação, mas tu me formaste um corpo” (Hb 10, 5). E o Filho unigênito se ofereceu voluntariamente a sacrificar-se por nós e desceu à terra para completar o sacrifício com sua morte e assim realizar a redenção do homem: “Eis, aqui venho para fazer, ó Deus, a tua vontade, como está escrito de mim no princípio do livro” (Hb 10, 7).

Quando o Verbo divino se ofereceu para remir os homens, de duas maneiras se podia fazer essa redenção: uma por meio do gozo e da glória, outra das penas e dos vitupérios. Ele, porém, que com sua vinda não só pretendia livrar o homem da morte eterna, mas também ganhar a si o amor de todos os corações humanos, repeliu o caminho do gozo e da glória e escolheu o das penas e dos vitupérios (Hb 10, 34). A fim, portanto, de satisfazer por nós a justiça divina e juntamente para inflamar-nos com seu santo amor, quis qual criminoso sobrecarregar-se de todas as nossas culpas e, morrendo sobre uma cruz, obter-nos a graça e a vida feliz. É justamente o que exprime Isaías quando afirma: “Verdadeiramente ele foi o que tomou sobre si as nossas fraquezas e ele mesmo carregou com as nossas dores” (Is 53, 4).

Jesus aceitou, porém, semelhante morte porque morria para pagar os nossos pecados: também por esse motivo quis qual pecador ser circuncidado, ser resgatado quando foi apresentado ao templo, receber o batismo de penitência de São João. Na sua paixão, finalmente quis ser pregado na cruz para pagar por nossos licenciosas liberdades, com a sua nudez reparar a nossa avareza, com os opróbrios a nossa soberba, com a sujeição aos carnífcies a nossa ambição de dominar, com os espinhos os nossos maus pensamentos, com o fel a nossa intemperança e com as dores do corpo os nossos prazeres sensuais. Deveríamos por isso continuamente agradecer com lágrimas de ternura ao eterno Pai por ter entregue seu Filho inocente à morte para livrar-nos da morte eterna. “O qual não poupou seu próprio Filho, mas entregou-o por todos nós: como não nos deu também com ele todas as coisas?” (Rom 8, 32). Assim fala São Paulo e o próprio Jesus diz, segundo São João (3, 16): “Tanto Deus amou o mundo que lhe deu seu Filho unigênito”. Daí exclamar a santa Igreja no sábado santo: “Ó admirável dignação de vossa piedade para conosco! Ó inestimável excesso de vossa caridade! Para resgatar o escravo, entregastes o vosso Filho”. Ó misericórdia infinita, ó amor infinito de nosso Deus, ó santa fé! Quem isto crê e confessa, como poderá viver ser arder em santo amor para com esse Deus tão amante e tão amável?

Em suma, tudo o que nós podemos ter de bens, de salvação, de esperança, tudo possuímos em Jesus Cristo e nos seus merecimentos, como disse São Pedro: “E não há em outro nenhuma salvação, nem foi dado aos homens um outro nome debaixo dos céus em que nós devemos ser salvos” (At 4, 12). Assim para nós não há esperança de salvação senão nos merecimentos de Jesus Cristo. Donde São Tomás, com todos os teólogos, conclui que depois da promulgação do Evangelho nós devemos crer explicitamente, por necessidade não só de preceito, como também de meio, que somente por meio de nosso Redentor nos é possível a salvação.

Neste tempo quaresmal a Igreja nos convida a meditarmos nesta cruz. Convidamos a todos a uma reflexão profunda de cada item aqui narrado afim de alcançarmos, através da meditação, a

contemplação no mistério da nossa salvação da grandiosidade do amor de Deus por cada um de nós em teu Filho Jesus, provocando em nossas vidas total mudança para com Ele sermos ressuscitados nesta Páscoa.

*“Ó Deus eterno, não olheis para mim, carregado de pecados, olhai para vosso Filho inocente, pregado numa cruz, e que vos oferece tantas dores e suporta tantos ludíbrios para que tenhais piedade de mim. Ó Deus amabilíssimo e meu verdadeiro amigo, por amor, pois, desse Filho que vos é tão caro, tende piedade de mim. A piedade que desejo é que me concedais o vosso santo amor. Ah, atraí-me inteiramente a vós do meio do lodo de minhas torpezas. Consumi, ó fogo devorador, tudo o que vedes de impuro na minha alma e a impede de ser toda vossa.”*

Amém.

### **HOMILIA DO PAPA BENTO XVI**

**Quarta-feira de Cinzas, 17 de Fevereiro de 2010**

“Tendes compaixão de todos, Senhor...

Não aborreceis nada do que fizestes...

não olhai para os pecados dos homens a fim de os trazer à penitência...

Mas perdoais a todos, porque todos são vossos, ó Senhor nosso Deus” (Antífona da entrada).

Venerados Irmãos no Episcopado,

Queridos irmãos e irmãs,

Com esta comovedora invocação, tirada do Livro da Sabedoria (cf. 11, 23-26), a liturgia introduz a celebração eucarística da Quarta-Feira de Cinzas. São palavras que, de certa forma, abrem todo o itinerário quaresmal, pondo como seu fundamento a onipotência do amor de Deus, o seu absoluto senhorio sobre todas as criaturas, que se traduz em indulgência infinita, animada por constante e universal vontade de vida. De fato, perdoar alguém equivale a dizer-lhe: não quero que tu morras, mas que vivas; desejo sempre e só o teu bem.

Esta certeza absoluta apoiou Jesus durante os quarenta dias transcorridos no deserto da Judéia, depois do batismo recebido de João no Jordão. Aquele longo tempo de silêncio e de jejum foi para Ele um abandonar-se completamente ao Pai e ao seu desígnio de amor; foi ele mesmo um “batismo”, isto é, uma “imersão” na sua vontade, e neste sentido uma antecipação da Paixão e da Cruz. Adentrar-se no deserto e permanecer nele por muito tempo, sozinho, significava expor-se voluntariamente aos assaltos do inimigo, o tentador que fez cair Adão e por cuja inveja a morte entrou no mundo (cf. Sb 2, 24); significava travar com ele a batalha em campo aberto, desafiá-lo sem outras armas a não ser a confiança ilimitada no amor onipotente do Pai. Basta-me o teu amor, alimento-me com a tua vontade (cf. Jo 4, 34): esta convicção habitava na mente e no coração de Jesus durante aquela sua “quaresma”. Não foi um ato de orgulho, um empreendimento titânico, mas uma escolha de humildade, coerente com a Encarnação e com o batismo no Jordão, em continuidade com a obediência ao amor misericordioso do Pai, que “amou de tal modo o mundo que lhe deu o Seu Filho único” (Jo 3, 16).

O Senhor Jesus fez tudo isto por nós. Fê-lo para nos salvar, e ao mesmo tempo para nos mostrar o caminho para o seguir. De fato, a salvação é dom, é graça de Deus, mas para fazer efeito na minha existência exige o meu consentimento, um acolhimento demonstrado nos fatos, ou seja, na vontade de viver como Jesus, de



Papa Bento XVI na mensagem quaresmal disse::

“...é aqui que se descerra a justiça divina, profundamente diferente da justiça humana... Graças à ação de Cristo, podemos entrar na justiça "maior", que é a do amor (cf. Rm 13, 8-10)".



caminhar atrás d'Ele. Seguir Jesus no deserto quaresmal é por conseguinte condição necessária para participar na sua Páscoa, no seu "êxodo". Adão foi afastado do Paraíso terrestre, símbolo da comunhão com Deus; agora, para voltar a esta comunhão e portanto à verdadeira vida, a vida eterna, é preciso atravessar o deserto, a prova da fé. Não sozinhos, mas com Jesus! Ele – como sempre – precedeu-nos e já venceu o combate contra o espírito do mal. Eis o sentido da Quaresma, tempo litúrgico que todos os anos nos convida a renovar a opção de seguir Cristo pelo caminho da humildade para participar na sua vitória sobre o pecado e sobre a morte.

Nesta perspectiva, compreende-se também o sinal penitencial das Cinzas, que são impostas sobre a cabeça de quantos iniciam com boa vontade o itinerário quaresmal. Essencialmente é um gesto de humildade, que significa: reconheço-me por aquilo que sou, uma criatura frágil, feita de terra e destinada à terra, mas também feita à imagem de Deus e destinada a Ele. Pó, sim, mas amado, plasmado pelo seu amor, animado pelo seu sopro vital, capaz de reconhecer a sua voz e de lhe responder; livre e, por isto, também capaz de lhe desobedecer, cedendo à tentação do orgulho e da auto-suficiência. Eis o pecado, doença mortal que muito depressa começou a poluir a terra abençoada que é o ser humano. Criado à imagem do Santo e do Justo, o homem perdeu a própria inocência e agora só pode voltar a ser justo graças à justiça de Deus, a justiça do amor que – como escreve São Paulo – "se manifesta por meio da fé em Cristo" (Rm 3, 22). Inspirei-me nestas palavras do Apóstolo para a minha Mensagem, dirigida a todos os fiéis por ocasião desta Quaresma: uma reflexão sobre o tema da justiça à luz das Sagradas Escrituras e do seu cumprimento em Cristo.

Também nas leituras bíblicas da Quarta-Feira de Cinzas está muito presente o tema da justiça. Em primeiro lugar, a página do profeta Joel e o Salmo responsorial – o Miserere – formam um díptico penitencial, que evidencia como na origem de cada injustiça material e social existe aquilo que a Bíblia denomina "iniquidade", ou seja o pecado, que consiste fundamentalmente numa desobediência a Deus, quer dizer, numa falta de amor. "Reconheço – confessa o Salmista – de verdade as minhas culpas / o meu pecado está sempre diante de mim. / Contra Vós apenas é que eu pequei / pratiquei o mal perante os vossos olhos" (Sl 50 [51] 5-6). Portanto, o primeiro acto de justiça consiste em reconhecer a própria iniquidade e admitir que ela está arraigada no "coração", no próprio cerne da pessoa humana. Os "jejuns", os "prantos" e as "lamentações" (cf. Jl 2, 12) e cada expressão penitencial tem valor aos olhos de Deus, só se for sinal de corações sinceramente arrependidos. Também o Evangelho, tirado do "sermão da montanha", insiste sobre a exigência de praticar a própria "justiça" – esmola, oração e jejum – não diante dos homens, mas unicamente aos olhos de Deus, que "vê o segredo" (cf. Mt 6, 1-6.16-18). A verdadeira "recompensa" não é a admiração dos outros, mas a amizade com Deus e a graça que dela deriva, uma graça que confere paz e força de realizar o bem, de amar até quem não merece, de perdoar quem nos ofendeu.

A segunda leitura, o apelo de Paulo a deixar-se reconciliar com Deus (cf. 2 Cor 5, 20), contém um dos célebres paradoxos paulinos, que remete toda a reflexão sobre a justiça ao mistério de Cristo. São Paulo escreve: "Aquele que não havia conhecido o pecado – ou seja, o seu Filho que se fez homem – Deus O fez

pecado por nós, para que nele nos tornássemos justiça de Deus" (2 Cor 5, 21). No Coração de Cristo, isto é, no âmago da sua Pessoa divino-humana, desenrolou-se de maneira decisiva e definitiva todo o drama da liberdade. Deus levou às extremas consequências o seu desígnio de salvação, permanecendo fiel ao seu amor, mesmo à custa de entregar o seu Filho unigênito à morte, e morte de Cruz. Como escrevi na Mensagem quaresmal, "é aqui que se descerra a justiça divina, profundamente diferente da justiça humana... Graças à ação de Cristo, podemos entrar na justiça "maior", que é a do amor (cf. Rm 13, 8-10)".

Estimados irmãos e irmãs, a Quaresma amplia o nosso horizonte, orienta-nos para a vida eterna. Estamos em peregrinação nesta terra, "não temos aqui uma cidade permanente, mas vamos em busca da futura" (Hb 13, 14). A Quaresma faz compreender a relatividade dos bens desta terra e assim torna-nos capazes de fazer as renúncias necessárias, livres para realizar o bem. Abramos a terra à luz do Céu, à presença de Deus no meio de nós. Amém!

## CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

### > Efeitos do Sacrifício da cruz:

§617 Por sua santíssima Paixão no madeiro da cruz mereceu-nos a justificação; ensina o Concílio de Trento, sublinhando o caráter único do sacrifício de Cristo como "princípio de salvação eterna". E a Igreja venera a Cruz, cantando: Salve, ó Cruz, única esperança".

§813 A Igreja é uma por sua fonte: "Deste mistério, o modelo supremo e o princípio é a unidade de um só Deus na Trindade de Pessoas, Pai e Filho no Espírito Santo". A Igreja é uma por seu Fundador: "Pois o próprio Filho encarnado, príncipe da paz, por sua cruz reconciliou todos os homens com Deus, restabelecendo a união de todos em um só Povo, em um só Corpo".

§1505 Comovido com tantos sofrimentos, Cristo não apenas se deixa tocar pelos doentes, mas assume suas misérias: "Ele levou nossas enfermidades e carregou nossas doenças". Não curou todos os enfermos. Suas curas eram sinais da vinda do Reino de Deus. Anunciavam uma cura mais radical: a vitória sobre o pecado e a morte por sua Páscoa. Na cruz, Cristo tomou sobre si todo o peso do mal e tirou o "pecado do mundo" (Jo 1,29). A enfermidade não é mais do que uma consequência do pecado. Por sua paixão e morte na cruz, Cristo deu um novo sentido ao sofrimento, que doravante pode configurar-nos com Ele e unir-nos à sua paixão redentora.

### > Liberdade e salvação:

§1741 Por sua gloriosa cruz, Cristo obteve a salvação de todos os homens. Resgatou-os do pecado que os mantinha na escravidão. "É para a liberdade que Cristo nos libertou" (Gl 5,1). Desde agora participamos da "liberdade da glória dos filhos de Deus".

§1992 A justificação nos foi merecida pela paixão de Cristo, que se ofereceu na cruz como hóstia viva, santa e agradável a Deus, e cujo sangue se tornou instrumento de propiciação pelos pecados de toda a humanidade.

Agora, porém, independentemente da lei, se manifestou a justiça de Deus, testemunhada pela lei e pelos profetas, justiça de Deus que opera pela fé em Jesus Cristo, em favor de todos os que crêem pois não há diferença, sendo que todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus e são justificados gratuitamente, por

sua graça, em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus. Deus o expôs como instrumento de propiciação, por seu próprio sangue, mediante a fé. Ele queria assim manifestar sua justiça, pelo fato de ter deixado sem punição os pecados de outrora, no tempo da paciência de Deus; Ele queria manifestar sua justiça no tempo presente, para mostrar-se justo e para justificar aquele que tem fé em Jesus (Rm 3,21-26).

§2305 A paz terrestre é imagem e fruto da paz de Cristo, o Príncipe da paz" messiânica (Is 9,5). Pelo sangue de sua cruz, Ele "matou a inimidade na própria carne", reconciliou os homens com Deus e fez de sua Igreja o sacramento da unidade do gênero humano de sua união com Deus.

#### > **Realeza de Cristo e a Cruz:**

§440 Jesus acolheu a profissão de fé de Pedro, que o reconhecia como o Messias anunciando a Paixão iminente do Filho do Homem. Desvendou o conteúdo autêntico de sua realeza messiânica, seja na identidade transcendente do Filho do Homem "que desceu do Céu" (Jo 3,13) seja em sua missão redentora como Servo sofredor: "O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate pela multidão" (Mt 20,28). Por isso o verdadeiro sentido de sua realeza só se manifestou do alto da Cruz.

#### > **Sacrifício da cruz e sua aceitação:**

§561 "Toda a vida de Cristo foi um contínuo ensinamento: seus silêncios, seus milagres, seus gestos, sua oração, seu amor ao homem, sua predileção pelos pequenos e pelos pobres, a aceitação do sacrifício total na Cruz pela redenção do mundo, Sua Ressurreição constituem a atuação de sua palavra e o cumprimento da Revelação.

### **IMITAÇÃO DE CRISTO**

(LIVRO IV - CAPÍTULO 8)

Da oblação de Cristo na cruz e da própria resignação

Voz do Amado

1. Assim como eu a mim mesmo ofereci espontaneamente ao Pai eterno, com os braços estendidos e o corpo nu, de modo que nada restasse em mim que não fosse oferecido em sacrifício de reconciliação divina: assim também deves tu de coração oferecer-te voluntariamente a mim todos os dias na Santa Missa, em oblação pura e santa, com todas as tuas potências e afetos. Que outra coisa exijo de ti senão que te entregues inteiramente a mim? De tudo que me deres fora de ti, não faço caso; porque não busco teus dons, mas a ti mesmo.

2. Assim como não te bastariam todas as coisas sem mim, assim me não pode agradar o que sem ti me ofereces. Oferece-te a mim, dá-te todo a Deus, e será aceita a tua oblação. Olha como me ofereci todo ao Pai por ti, e dei-te todo o meu corpo e sangue em alimento, para ser todo teu e para que tu te tornasses meu. Se, porém, te apegares a ti mesmo, e não te ofereceres espontaneamente à minha vontade, não será completa tua oblação, nem perfeita a união entre nós. Portanto, a todas as tuas obras deve preceder o voluntário oferecimento de ti mesmo nas mãos de Deus, se desejas alcançar a liberdade e a graça. O motivo de haver tão poucos interiormente esclarecidos e livres é que muitos não sabem abnegar-se de todo a si mesmos. É imutável minha sentença: Quem não renunciar a tudo não poderá ser meu discípulo (Lc 14,33). Se desejas, pois, ser meu discípulo oferece-te a mim com todos os teus afetos.

### **A QUARESMA E SEUS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS**

“A quarta-feira de Cinzas marca o início da Quaresma, um tempo especial de conversão e penitência para o cristão, que serve como

preparativo para se celebrar a Paixão e Ressurreição de Jesus Cristo, na Semana Santa. Por esta razão, a Quaresma é um período de exercícios espirituais que ajudam o cristão a elevar-se na fé e na reta vivência cotidiana, dentre os quais relevam três desde os primórdios, recomendados pelo próprio Mestre: esmola, jejum e oração (Mt 6,1-18). Naturalmente, estes exercícios devem fazer parte da vida do cristão ao longo de todo o ano: mas na quaresma devemos praticá-los mais intensamente, também como forma de penitência. São "remédio contra o pecado".

E como a Páscoa é também o momento no qual os cristãos refazem sua existência na vida nova de Jesus Cristo ressuscitado, através do batismo e da renovação das promessas do batismo, a Quaresma é o tempo no qual recordamos o fundamento e o início da vida cristã, que é a adesão de fé a Jesus Cristo e seu Evangelho. O que está no início, deve ser recordado e retomado sempre. Páscoa é tempo de reafirmar nossa disposição de seguir Jesus pelo caminho e de pertencer à comunidade eclesial, comunidade dos discípulos do Senhor.

A Igreja inteira entra em clima de preparação e convida cada um de seus filhos e filhas a fazerem o mesmo na vida pessoal, para chegarem à Páscoa prontos e bem dispostos a renovar a vida cristã. Por aí entendemos bem os apelos do tempo da Quaresma. Já no início, com a imposição das cinzas, ouvimos a exortação de Jesus: "**convertei-vos e crede no Evangelho!**". Em todo o período quaresmal renovam-se os apelos à conversão, ao abandono do pecado, à renovação da fé, à produção de frutos de justiça e caridade, a progredir no conhecimento de Jesus Cristo, a corresponder ao seu amor por uma vida santa.

Primeiramente, a esmola faz com que nos lembremos dos irmãos necessitados, que nos fornecem oportunidade de exercer o amor cristão ao ajudá-los, seja em seus tormentos físicos ou espirituais. Recorde-se, aí, a famosa passagem em que Jesus se identifica a eles, afirmando que, quando os ajudamos, é a Ele próprio que fazemos bem. Outrossim, isto acaba por ser benéfico a quem o pratica, pois concretiza o desapego aos bens materiais e a si próprio.

O exercício quaresmal da esmola leva o cristão e se relacionar com o próximo carente, necessitado de atenção e de carinho, leva-o a exercitar a caridade, uma virtude teologal. Dar esmola é dar de graça, dar sem interesse de receber de volta, é deixar o egoísmo de lado, é não esperar recompensa. Tudo o que temos e que somos vem de Deus, recebemos de graça, por isso de graça devemos dar, devemos colocar nossos dons a serviço. Dando esmola, imitamos Aquele que por excelência exerceu a esmola: Jesus Cristo. Dar esmola é abrir-se ao próximo, é servir ao irmão

com generosidade é desprender-se dos bens materiais, é reconhecer no outro a imagem e semelhança do Criador. Neste sentido a esmola é doação gratuita não somente de bens materiais, mas de tempo, de interesse, de acolhimento, de serviço, de aceitação. A esmola nos remete à generosidade de Cristo que deu sua vida pelos seus, derramou seu sangue pela humanidade, doando-se aos seus irmãos.

A nossa vida cristã deveria ser sempre pautada pela oração. Ela constitui uma abertura para Deus, é um sim para o Criador, é um louvor, é estar conforme a vontade divina. Todos nós, pelo Batismo, fomos chamados (vocacionados) por Deus e, só podemos realizar plenamente nossa vocação cristã quando em comunhão íntima de vida com Deus na oração. Somos filhos e filhas do mesmo Pai que se



revela profundamente amoroso. Por isso, na Quaresma a Igreja convoca a todos ao exercício da oração. Sigamos o exemplo de Cristo que passava noites inteiras em intimidade com o Pai na oração.

A oração sincera é o meio pelo qual a pessoa, encontrando a si mesma em meditação, dirige-se ao Divino, transcende o plano material para alcançar o espiritual. Seja súplica ou louvor, ela também nos coloca em contato mais próximo com Deus, permite-nos avaliar nossa conduta, um exame de consciência igualmente muito apropriado para este tempo litúrgico, e humildemente pedir perdão pelos pecados cometidos: devemos rasgar nossos corações, o que faz recordar a origem latina do termo "misericórdia", aquilo que faz o Senhor compadecer-se de nossas fraquezas.

Se a oração nos leva ao relacionamento íntimo com Deus e a esmola nos relaciona com o próximo, o que dizer do jejum? O exercício do jejum não vale pelo que é, mas pelo que significa. A determinação de não comer nem beber liberta o cristão da tendência de apoderar-se das coisas. Liberta-o da escravidão do ter mais do que ser. Jejuar é abster-se de um pouco de comida ou de bebida que leva o ser humano ao correto relacionamento com a criação. Jejuar é respeitar a natureza criada, é abrir espaço para Deus. No jejum, a Igreja nos lembra Jesus que, logo após o seu batismo, jejuou quarenta dias no deserto numa atitude de liberdade e de domínio sobre si mesmo, sobre a natureza e sobre o mal. Como Igreja, somos o prolongamento de Cristo, somos seu corpo e seus membros, por isso, como Cristo, somos livres e devemos estar em harmonia com a natureza, usufruindo dos bens com responsabilidade e bom senso. O jejum é um verdadeiro exercício de conversão.

O jejum evidentemente, não se trata somente da abstinência alimentar, mas da recusa a todo tipo de descomedimento, luxo, vaidade, vanglória, e o acolhimento da simplicidade cristã que torna o homem muito mais completo, a mortificação dos elementos mundanos para alcançar a sublimidade da comunhão com o Senhor, especialmente quando convertida em caridade, que Santo Agostinho já indicava como outra grande manifestação do amor cristão.

**Existem dois tipos de jejum:**

### **1) JEJUM CORPORAL OU EXTERNO**

Inclui a abstinência de algumas comidas, bebidas e outras diversões como a música, as festas, os jogos de azar, etc. sobretudo nos dias próximos ao tríduo pascal.

Em uma sociedade hedonista atravessada por uma cultura de morte como a nossa se faz necessário a prática do jejum, a qual deveria começar pela família.

Prática corporais

- Comer menos das comidas que você mais gosta e mais daquelas que não gosta
- Não comer nada entre as refeições
- Evitar escutar música no rádio todo o dia
- Evitar a televisão e os vídeos; em vez disso,

ler a Paixão de Cristo na Bíblia ou Missal

- Rezar um rosário extra.

### **2) JEJUM ESPIRITUAL OU INTERNO**

Consiste na abstinência de todo pecado mortal. São João Crisóstomo ensinou que o valor do jejum consiste nem tanto na abstinência de comida; mas sim na abstinência de práticas pecaminosas. E São Basílio o Grande explicou que afastar-se de toda maldade significa manter nossa boca fechada, controlar nossa ira, eliminar nossos desejos maus e evitar toda intriga, mentira e blasfema. Abstendo-se de todas estas coisas descansa o verdadeiro valor do jejum.

Prática internas

- Não conversar mais do que necessário; em vez disso, faça algumas pequenas jaculatórias em todo o dia.
- Exercitar a paciência em todas as coisas
- Não fazer nenhuma queixa
- Controlar a ira; em vez disso, sugere-se sair ao encontro da pessoa que provocou a irritação.
- Evitar a intriga.
- Quando alguém lhe pedir que faça algo extra, faça-o com alegria e boa disposição.
- Fale em bom tom a todos cada dia.
- Sempre fale a verdade em todas as circunstâncias de sua vida
- Evitar a vaidade e o egoísmo

Os Santos Padres da Igreja insistiram que durante a Quaresma se deve ser fiel aos serviços próprios deste tempo litúrgico e assistir à Missa diariamente.

Com o passar do tempo, nossa disciplina pelo jejum sofreu numerosas e radicais mudanças. Hoje em dia, infelizmente, a observância da Quaresma se converteu em mero formalismo, reduzido à abstinência em certos dias, sem nenhuma preocupação no crescimento espiritual ou no propósito de ter uma coerência de vida.

É urgente retornar às raízes do espírito desta grande festa tão requerida nestes tempos em que o mundo é presa da cultura material e superficial.

### **PRÁTICAS ESPIRITUAIS (VIRTUDES E BOAS OBRAS):**

- Praticar a humildade hoje em dia em todas nossas ações
- Ser generoso; ajudar a alguém que necessite
- Observar todas as formas possíveis de ser solidário durante o dia
- Fazer o trabalho que precisa ser feito sem que alguém lhe peça isso
- Não seja ocioso todo o dia. Sempre faça algo pelos outros ou por seu próprio crescimento espiritual.
- Saia ao encontro para ajudar às pessoas ou converse com alguém que está em dificuldade.
- Seja voluntário em um trabalho solidário.
- Visite alguém que está doente.

Embora não constituam um caminho simples ou fácil de se seguir, estes exercícios espirituais são extremamente recompensadores, permitem que escapemos

à inércia do dia-a-dia.

Quem foi à escola recorda que os "exercícios" são parte importante do aprendizado. A vida cristã é dom e graça, que acolhemos com muita alegria e gratidão; mas também é exercitação diuturna, que requer empenho e perseverança. De fato, ninguém está livre de tentação e pecado, de retrocesso e abandono do caminho de Jesus Cristo. Os exercícios quaresmais, transformados em virtude, nos tornam fortes na fé e eficientes nas obras boas, como convém a filhos e filhas de Deus.

Vamos então, entender e descobrir a razão, o sentido mais profundo da oração, do jejum e da esmola no período da Quaresma: Todos sabemos que estes quarenta dias que precedem a Páscoa do Senhor, constituem um tempo forte de penitência e mudança de vida: as leituras bíblicas, os exercícios de piedade, tudo leva à conversão. E, para que ocorra verdadeiramente a conversão, surgem a oração, a esmola e o jejum, pois eles atingem profundamente o relacionamento do ser humano com Deus (na oração), com o próximo necessitado de ajuda (na esmola) e o relacionamento com a natureza criada (no jejum).

Que estes três exercícios quaresmais: a oração, a esmola e o jejum, sejam efetivamente bons instrumentos de conversão nesta Quaresma e em toda a nossa vida cristã".

#### **BIBLIOGRAFIA**

- 1- "Reflexões sobre a Paixão de Jesus Cristo expostas às almas devotas" Por Santo Afonso Maria de Ligório, Tradução: Pe. José Lopes Ferreira, C.Ss.R.  
<http://www.quadrante.com.br/Pages/servicos02.asp?id=391&categoria=Doutrina>
- 2- Artigo do Padre José do Vale: A CRUZ DE CRISTO: GLÓRIA DOS SALVOS  
Site: <http://stoa.usp.br/reflexoescristas/weblog/43228.htm>
- 3- A Quaresma e seus exercícios espirituais-por Martino Gabriel Musumeci em Reflexões Cristãs
- 4- Jejum, esmola e oração - Fonte: CNBB D. Odilo Pedro Scherer-Bispo Auxiliar de S. Paulo-Secretário-Geral da CNBB  
5-Sites: <http://www.acidigital.com>  
<http://www.koinonjalivros.com.br/massarote/quaresma/quaresma.html>
- 7-Catecismo da Igreja Católica  
Site - <http://catecismo-az.tripod.com/contedo/a-z/c/cruz.html>

Informativo:

### *Instituto de Música Santa Cecília*

Teclado - Contra-Baixo - Violão - Guitarra  
Bateria - Canto - Musicalização Infantil

**Fone: (19) 3241-7706**

Aulas aos sábados

Edição e Publicação:



*Associação Filhos de Jesus e Maria*

[www.afjm.org.br](http://www.afjm.org.br)

Tragem: 150 exemplares